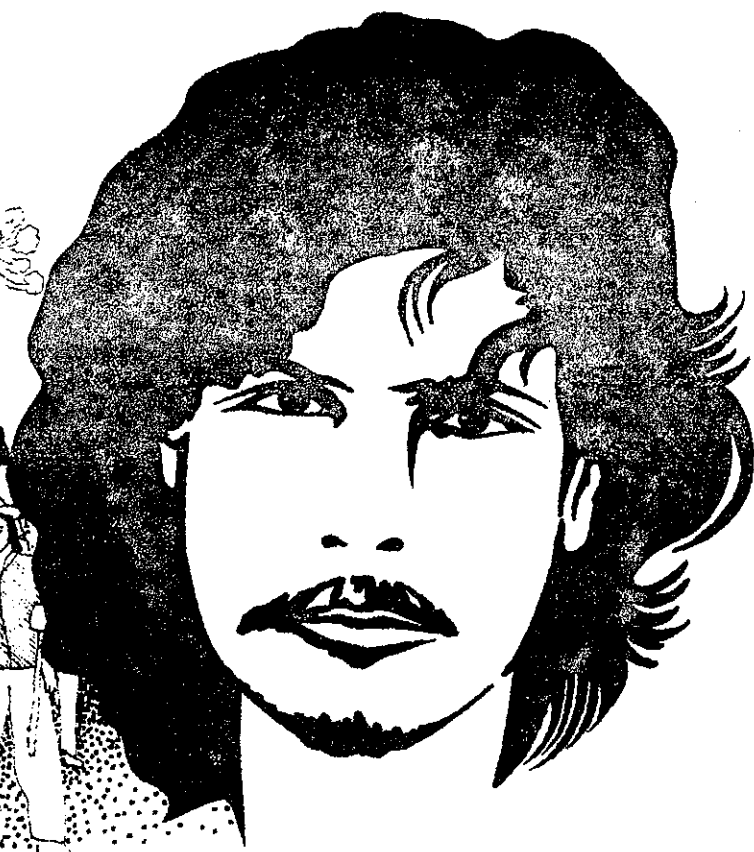


# RELATÓRIO 79/80

# OPAN



## INTRODUÇÃO

Entre os dias 16 e 21 de julho de 1980, realizou-se a Assembléia Anual da Operação Anchieta. O Relatório que agora apresentamos, é basicamente um resumo dos assuntos tratados na aquela Reunião. Como é costume, revisamos os trabalhos realizados desde a Assembléia anterior (julho/1979), e fizemos um planejamento global, tendo em vista a continuação das atividades.

Reafirmamos, a partir de uma ação sempre mais comprometida e ampla, nossa opção fundamental em favor das populações indígenas. Na concretização deste objetivo, procuramos trabalhar em estreita ligação com as Prelazias e Dioceses, e com os Regionais do CIMI, buscando uma conjugação de esforços cada vez mais eficaz, no apoio à causa indígena.

Consequentes com o compromisso assumido na Assembléia anterior, reforçamos nosso apoio aos trabalhadores rurais, através dos com panheiros que atuam especificamente junto a eles. Ampliou-se significativamente o trabalho nesta área. A perspectiva continua sendo a de se constituir uma Organização autônoma para o Setor Rural.

Durante a Assembléia, a questão da formação dos voluntários mereceu especial atenção, devido às crescentes exigências constatadas nos trabalhos de base. Discutiu-se e formulou-se uma nova proposta de encaminhamento e preparação das pessoas que se dispõe a um trabalho missionário indigenista.

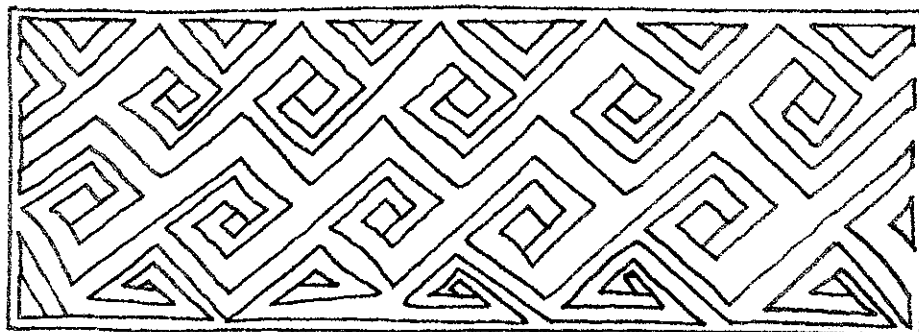
Outro desafio levantado, e que ficou

para ser aprofundado numa próxima ocasião, é o problema da crescente dispersão dos Projetos e da necessária coesão dos voluntários. A união de esforços é um dos pontos principais de nosso trabalho; como fazer que isto funcione de fato, na medida em que vamos multiplicando os Projetos em lugares muito distantes uns dos outros? Uma olhada no mapa (página central), ajuda a situar este problema; assim como a lembrança de que em 1976 registrávamos apenas 6 Projetos em nosso Relatório, e hoje damos conta de 16!

Outra importante decisão da Assembleia de 1979, concretizada conforme a proposta feita, foi a transferência da sede da OPAN de Porto Alegre - RS, para Cuiabá - MT. Já constatamos em várias ocasiões os resultados positivos desta mudança.

Que este Relatório ajude a todos os que o lerem, a compreender melhor e assumir mais plenamente a caminhada que temos feito, junto às populações marginalizadas, especialmente indígenas.

Cuiabá, outubro de 1980

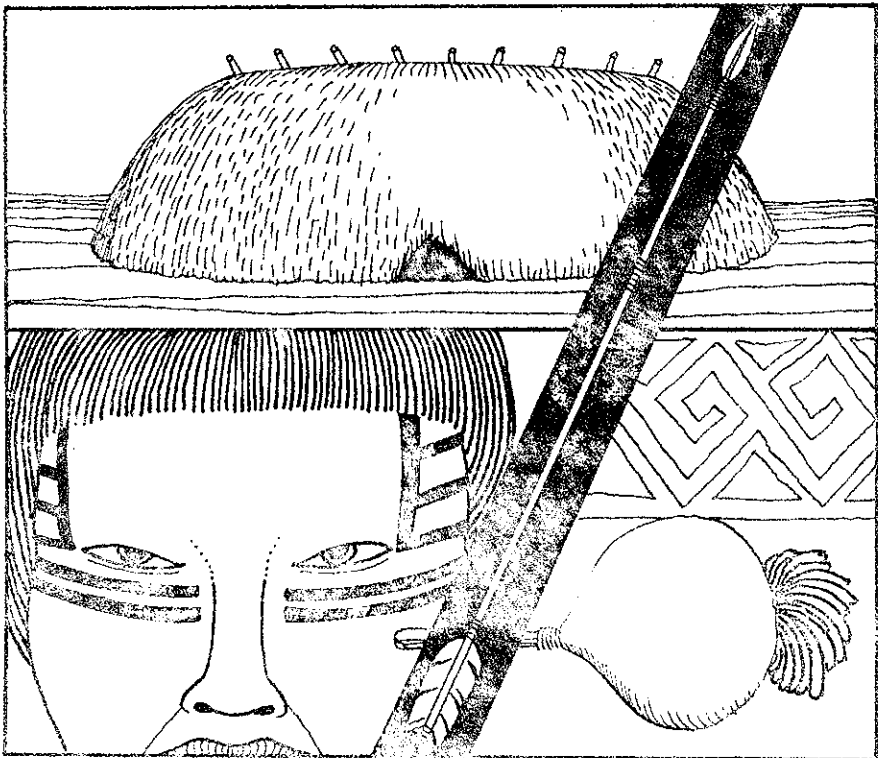


## INDICE

Preparação dos Voluntários .....	5
1. Candidatos .....	5
2. Estágio .....	5
3. Nova Proposta de Estágio .....	6
<b>Projetos</b>	
I - Regional Amazônia Ocidental .....	9
1. Projeto Alto Purus .....	9
2. Projeto Alto Envira .....	11
3. Projeto Seruini .....	13
4. Projeto Lábrea .....	15
5. Projeto Índios Novos .....	17
II - Regional Norte I .....	19
1. Projeto Alto Jutai .....	19
2. Projeto Alto Solimões .....	22
3. Projeto Itacoatiara .....	24
4. Projeto Wapixana .....	28
III - Regional Mato Grosso do Norte .....	30
1. Projeto Salumã .....	30
2. Projeto Karajá .....	32
3. Projeto Cinta-Larga .....	34
IV - Regional Mato Grosso do Sul .....	36
1. Projeto Miranda .....	36
2. Projeto Dourados .....	38
V - Regional Leste .....	40
1. Projeto CIMI-Leste .....	40

VI - Projetos de Pastoral da Terra .....	42
VII - Projeto Coordenação da OPAN .....	44
Onze anos de Projetos (Gráfico) .....	46
Assembléia Anual .....	48
OPAN / OED / TVC .....	49
Entidades de Ajuda .....	50
Conclusão .....	51

Página central: Mapa, com a localização dos  
Projetos da OPAN nos Estados



## PREPARAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS

### 1. Candidatos

No encaminhamento inicial das pessoas que se interessam em trabalhar na OPAN, seguiu-se a modalidade que vem sendo aplicada satisfatoriamente há vários anos. Desde que a pessoa entra em contato com a Organização, até o início do Estágio preparatório, dá-se um tempo de contatos prévios, através de cartas, visitas, encontros, que levam a um melhor conhecimento mútuo entre cada candidato e a OPAN.

Ao longo do último período de um ano, houve três ocasiões em que os candidatos se encontraram para definir melhor seu engajamento e a forma de Estágio a ser assumida. O primeiro encontro realizou-se em Xanxerê - SC, nos dias 8-9.12.79, reunindo 4 candidatos, 2 pessoas da coordenação e 1 voluntário. Na segunda vez, houve um encontro de 3 voluntários com 5 candidatas, em Caxias do Sul-RS, no mês de fevereiro de 1980, por ocasião de um curso de preparação missionária. Enfim, numa terceira oportunidade, 3 candidatos participaram diretamente da Assembleia anual da OPAN, em julho de 1980, na cidade de Cuiabá - MT.

### 2. Estágio

Em 79/80, adotou-se para todos os estagiários a modalidade descrita em 3º lugar no Relatório OPAN 78/79, como Estágio "Nas bases", segundo o qual os estagiários dirigiam-se direta

mente para uma base de atuação indigenista, em geral algum Projeto da OPAN, contando com o acompanhamento de voluntários mais experientes.

Desta forma, um total de 12 estagiários ficaram distribuídos nos seguintes locais de trabalho: Alto Jutai - AM, Lábrea - AM, Boca do Acre - AM, Dourados - MS, V. União - MS (CPT) e CIMI-Leste - ES.

### 3. Nova Proposta de Estágio

Na Assembléia anual de 1980 (julho), fez-se uma avaliação das experiências de Estágio acima referidas, assim como da preparação dos voluntários, em geral. Chegou-se a uma conclusão muito clara de que é necessária uma melhor capacitação global dos voluntários que assumem um trabalho junto às populações indígenas. Frente às dificuldades crescentes que envolvem a causa indígena em nosso contexto, aumenta a importância de levarmos um trabalho cada vez mais científico, lúcido, profundo.

A partir desta tomada de consciência discutiu-se uma nova proposta de Estágio preparatório, que foi formulada, resumidamente, da seguinte maneira:

1ª etapa: curso de habilitação, a ser feito em Cuiabá, com a duração de 3 meses, visando sobretudo uma boa preparação teórica dos estagiários.

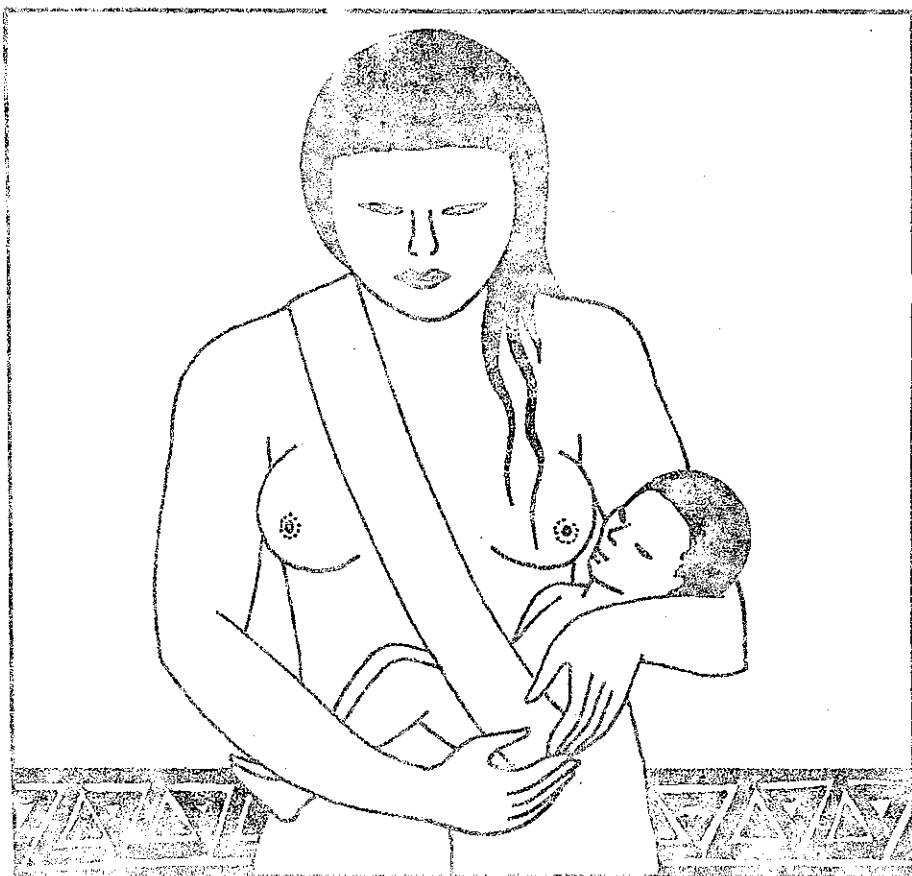
2ª etapa: experiência numa base de trabalho indigenista, também por 3 meses, ao fim da qual o estagiário engajar-se-á mais definitivamente num Projeto.

O que há de novo nesta proposta, é o

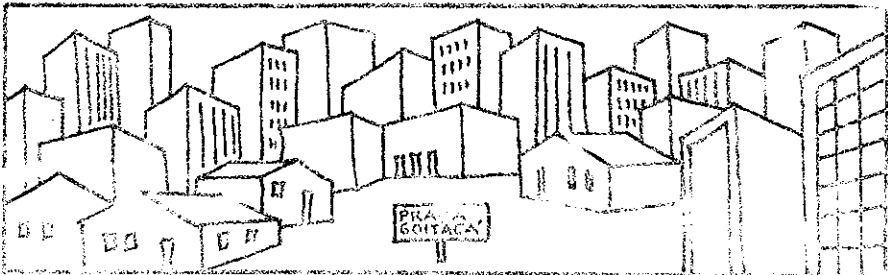
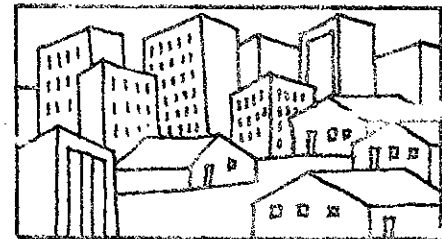
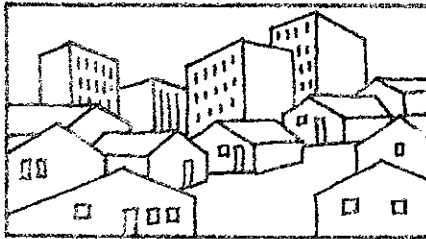
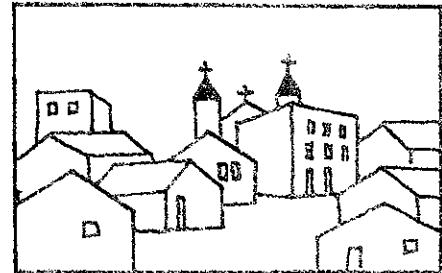
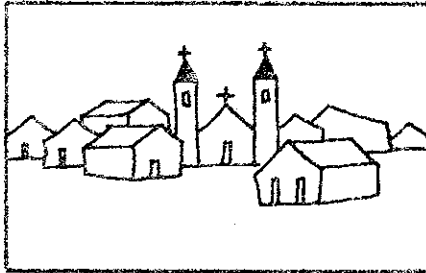
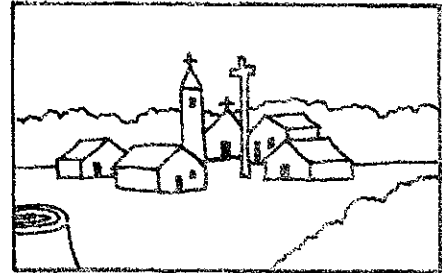
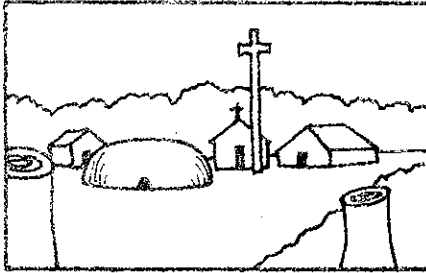
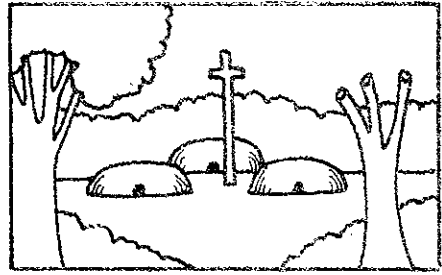
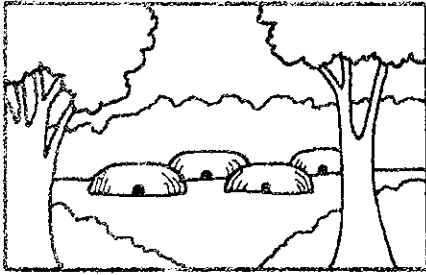


tempo de estudos intensivos a serem feitos nos 3 meses em que os estagiários permanecerão em Cuiabá. Foi, inclusive, aprovada uma lista de 10 temas que deverão ser abordados neste tempo de estudos.

O período de Estágio em Cuiabá também será muito importante como experiência de vida em grupo, que deverá ser revisada continuamente, para que todos tenham melhores condições de realizar um trabalho de equipe, no futuro Projeto que assumirem.







## I - REGIONAL AMAZÔNIA OCIDENTAL

### 1. Projeto ALTO-PURUS

**LOCALIZAÇÃO:** Margem direita do Rio Purus ,  
no Município de Manoel Urba -  
no, Prelazia de Acre-Purus ,  
AC.

**POPULAÇÃO ABRANGIDA:** 300 índios Kulina e  
150 índios Kaxinauá.

**EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS:** Rosa, Anselmo e Te-  
reza.

**INÍCIO DO PROJETO:** 1976.

### HISTÓRICO:

Em 1976, fez-se um levantamento da ' região, que apontou a necessidade de um trabalho junto aos índios e às populações ribeirinhas . Nesse mesmo ano, seguiu para lá uma equipe de vo-  
luntários.

Com seis meses de trabalho, a equipe se retirou por imposição da FUNAI. Essa situação durou um ano, tendo depois a equipe regressado ' por conta própria. Em outubro de 1979, Anselmo ' retirou-se para assumir a Coordenação do Regio -  
nal CIMI - AMAZÔNIA OCIDENTAL, ficando Rosa e Te-  
reza em Santo Amaro e Maronawa, respectivamente.

### ATUAÇÃO:

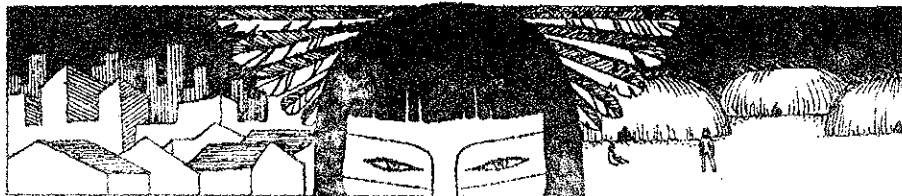
Inicialmente a OPAN procurou desenvolver trabalhos no setor da saúde e educação, e levantamento sôbre os problemas de terra.

Atualmente, Rosa e Tereza trabalham no sentido de conscientizar a população indígena quanto à questão da terra, cuja área não está demarcada, existindo seringais e fazendas nas áreas, além da retirada de madeiras pelos madeiros do rio. Por isso vem sendo denunciadas pela equipe as arbitrariedades do INCRA e IBDF. Ficou concretizada a criação de uma cooperativa na aldeia de Maronawa, com a finalidade de impedir a venda da borracha para o marreteiro, o que acarretava em toda a sorte de exploração. Outro problema, é a introdução de crenças estranhas, pelos marreteiros.

### AValiação:

Há sérias divergências, interferindo no andamento dos trabalhos, por incompatibilidade ideológica e de formação entre os membros da equipe.

Com a saída de Tereza (TVC) para a Itália, faz-se urgente mais um voluntário em Maronawa para levar adiante o projeto da cooperativa; e mais uma pessoa para se fixar em Santo Amaro juntamente com Rosa.



## 2. Projeto ALTO ENVIRA

LOCALIZAÇÃO: Igarapé do Anjo (Rio Envira)'  
na Prelazia de Cruzeiro do  
Sul, AC.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: 72 índios Kulina  
Auto denominação: Ma-  
dija.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Abel, Laurita e Ge  
ma.

INÍCIO DO PROJETO: 1976.

### HISTÓRICO:

Esse projeto iniciou-se com CIMI - OPAN-TVC, que efetuaram, em 1976, um levantamento da área.

Em 1977, Giovani Cantu (TVC) fixou-se na região (Fazenda Califórnia), iniciando um trabalho junto aos Madija. Em 1978, Giovani retirou-se da área, sendo substituído pelo opanista Abel, que apesar de todas as dificuldades, deu continuidade ao trabalho já iniciado, atendendo os setores de enfermagem e educação.

### DESAFIOS:

São problemas na área, a exploração da mão-de-obra indígena pela fazenda Califórnia do grupo ATALIA-COPEÇUCAR, além da introdução' do alcoolismo pelos marreteiros. Há também doenças e debilidades físicas adquiridas através do contato com a população envolvente.

Nos primeiros 6 meses do início do Projeto, a inexistência quase total de alimentos, foi dos maiores desafios a serem enfrentados.

### ATUAÇÃO:

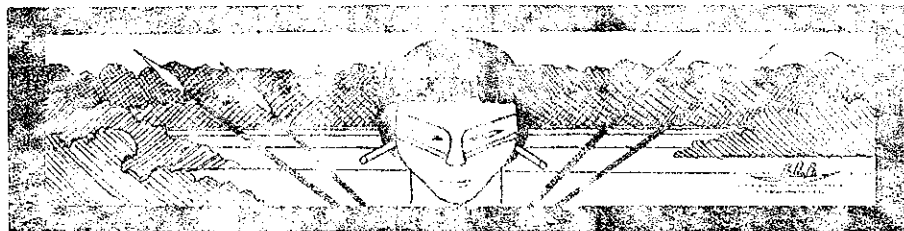
Tem-se incentivado e desenvolvido roças comunitárias, com produção excedente para comercialização no rio, tornando assim os índios independentes com relação à fazenda Califórnia.

Por outro lado, está se levando adiante o estudo da língua e da cultura, juntamente com um trabalho de educação conscientizadora, incluindo a alfabetização bilingüe. O atendimento no setor saúde tem sido feito principalmente quanto à medicina curativa e a enfermagem.

Atualmente há necessidade de uma pessoa para se localizar nas proximidades do seringal São Francisco, com um grupo de 60 Kulinas.

A necessidade de voluntários para atuarem junto aos Katukinas, localizados em frente à cidade de Feijó, foi recentemente preenchida; as opanistas Laurita e Gema foram para lá no mês de setembro (1980).

Também se faz necessária a instalação de uma casa de farinha, entre os Madija, para que o produto seja usado como objeto de troca, e assim haja maior autonomia em relação aos marreteiros e à fazenda Califórnia.



### 3. Projeto SERUINI

**LOCALIZAÇÃO:** Boca do Seruini - Rio Purus ,  
no Município de Pauini, AM  
Prelazia de Lábrea.

**POPULAÇÃO ABRANGIDA:** Índios Apurinã e popu-  
lação ribeirinha.

**EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS:** José Silvio, Lino e  
Paulo.

**INÍCIO DO PROJETO:** Outubro de 1977.

#### HISTÓRICO:

No primeiro semestre de 1977, Darci (OPAN) juntamente com o Pe. Afonso de Caro (Pre-  
lazia do Acre-Purus) realizaram o primeiro le-  
vantamento da situação indígena, no município  
de Pauini.

No final desse ano, Darci e João,  
se localizaram na boca do Igarapé Seruini, Rio  
Purus, junto a uma comunidade de seringueiros,  
com os quais iniciaram o trabalho, além de in-  
tensificar os contatos com os diversos grupos  
Apurinã. A escola, construída pelo povo em muti-  
rão, começou a funcionar em março de 1978, aten-  
dendo pela manhã às crianças, e à noite à alfa-  
betização de adultos.

#### ATUAÇÃO:

Dado a localização da equipe, o tra-  
balho se deu praticamente junto à população en-  
volvente, nos setores de saúde e educação. Atu-

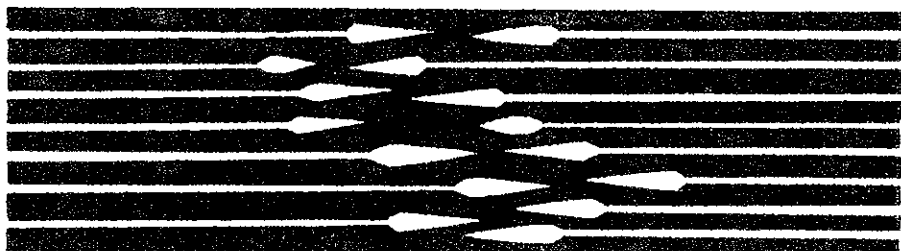
almente, por se haver criado espaço junto às populações indígenas, procura-se voltar o trabalho para uma atuação maior junto a essa população, acompanhando-a na caminhada de reivindicação de seus direitos.

Há uma firme determinação dos próprios índios de recuperar e garantir o domínio tradicional de todas as terras onde habitam. Esta determinação vem sendo reafirmada nas diversas assembleias de chefes indígenas realizadas na região, o que está levando os próprios índios a reivindicarem à FUNAI, uma atuação mais efetiva para a demarcação de suas terras.

O trabalho junto ao povo Aguarunã, realiza-se principalmente através de reuniões e excursões, de levantamento de dados sobre as terras e de incentivo às reuniões de líderes indígenas, visando a solução dos problemas comuns.

Fez-se necessário mais duas pessoas para o projeto, uma assumindo o trabalho junto aos grupos indígenas, preferencialmente que seja mulher, o que viria ampliar o relacionamento com as índias. Outra pessoa para assumir o trabalho junto à população envolvente.

Há necessidade também de um motor, para que se possa dar continuidade ao trabalho em termos de locomoção





#### 4. Projeto LÁBREA

**LOCALIZAÇÃO:** Margem esquerda do Rio Purus na Prelazia de Lábrea, AM.

**POPULAÇÃO ABRANGIDA:** Jarawara (118 pessoas), Paumari (cerca' 180 pessoas), Apurina (cerca de 150 pessoas).

**EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS:** Marta, Francisco, Cacilda, Aparecida, Günter, Astor' e Heloisa.

**INÍCIO DO PROJETO:** 1977

#### HISTÓRICO:

Em 1977, fez-se um levantamento da' região, e em seguida fixaram-se na área Marta e Doroti, dando início ao trabalho, atuando no ' campo da saúde, e na conscientização dos grupos quanto à demarcação de suas terras.

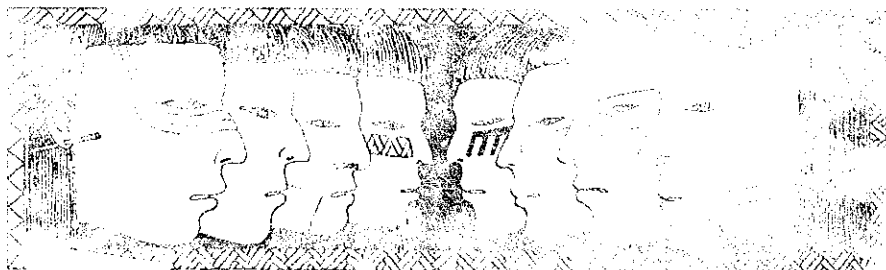
No ano seguinte, chegou o Francisco para ocupar o lugar de Doroti, que saiu da equipe. Após a assembleia de 1979, chegaram Günter, Cacilda e Cida. No final do ano cida se retirou, e chegou Heloisa no início de 1980, ocupando seu lugar. Ainda no início deste mesmo ' ano, chegaram também Angelo e Sérgio, que ficaram aguardando a assembleia, para discutirem os projetos onde iriam atuar. Nesta mesma época, a equipe se desmembrou em duas: A equipe de Lá -

brea ficou com Cacilda e Marta; esta retirou-se em agosto. Quanto a Astor, Günter e Francisco, formaram a equipe de atração dos índios arredios do coxodoá.

### ATUAÇÃO:

De início, os objetivos da equipe eram o setor de saúde, incluindo atendimento dentário, e conscientização dos grupos para a questão da terra. Foi feito por duas vezes a baciloscopia, acusando três casos de tuberculose, e enorme risco de contaminação. Foram também realizadas, três assembléias indígenas na região: Uma dos índios Paumari, no lago do marabã, outra dos índios Apurinã, no lago katipari e a última, dos índios Kulina, em maronawa. Essas assembléias tem sido importantes para esclarecimento e tomada de posições dos índios, quanto aos problemas reais que os ameaçam.

Tendo em vista que já existe pessoal capacitado atendendo o setor de saúde, a atuação do projeto neste sentido já não se faz necessária. A equipe voltou-se agora para uma atuação mais efetiva num projeto de desenvolvimento comunitário, incluindo, entre outras coisas, escola, educação sanitária, comunidade de base, e roças comunitárias.



## 5. Projeto ÍNDIOS NOVOS

**LOCALIZAÇÃO:** Prelazia de Lábrea, AM

**POPULAÇÃO ABRANGIDA:** Índios Novos

**EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS:** Astor, Günther, Fran-  
cisco, Cacilda e  
Heloisa.

**PERÍODO DE REALIZAÇÃO:** 1978.

### HISTÓRICO:

Conforme sobrevôo realizado em outubro de 1978, constatou-se a existência de um número não especificado de índios arredios, sem terra demarcada ou delimitada.

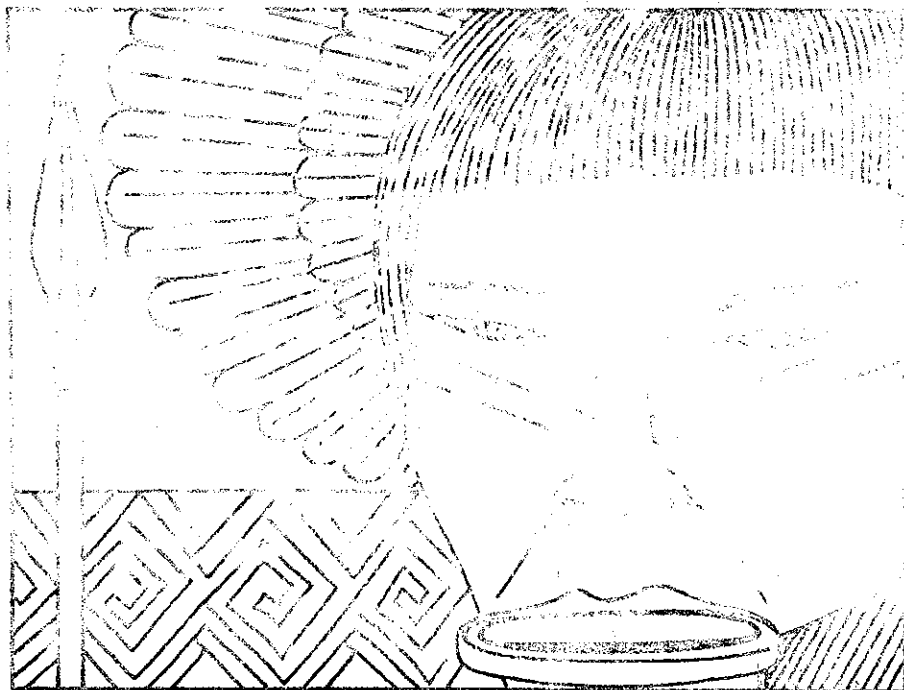
No mesmo ano, a OPAN declarava em sua assembléia, esse projeto como prioritário. Dadas as características da região, a OPAN viu a necessidade de ampliar a equipe de Lábrea, para um trabalho conjunto em 1980. Após várias tentativas foi realizado um contato inicial com o grupo arredio. Faziam parte da equipe de atração os opanistas Astor, Cacilda, Heloisa, e Günther do (CIMI). Esse contato, só foi conseguido após duas expedições; a primeira em outubro de 1979, e a segunda em março de 1980. Nesta segunda expedição, após encontrar sinais da presença de índios, a equipe chegou à primeira maloca, a qual se encontrava vazia. No dia seguinte pela manhã, a expedição se encontrava no acampamento, quando foi cercada por 40 guerreiros. Houve troca de presentes, e os índios testaram várias vezes os

membros da expedição, para se certificarem de que eram pacíficos. Depois deram sinais para que desocupassem a área, pedindo que voltassem trazendo mais terçados, machados, anzóis, facas e cães. O encontro durou 6 horas, e a equipe conseguiu tirar fotos e gravar uma fita, registrando para posterior verificação a língua dos índios.

#### AVALIAÇÃO:

Constatou-se que o encaminhamento do projeto foi um tanto precipitado; falta de previsão em termos de recursos, e mudança de pessoas durante o encaminhamento.

Quanto à OPAN, faltou unidade, em termos de consciência do trabalho que assumia.



## II - REGIONAL NORTE I

### 1. Projeto ALTO JUTAI

LOCALIZAÇÃO: Prelazia de Tefé - AM.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: Cerca de 1.500 indígenas aldeados dos seguintes grupos :  
Kulina, Tükuna, Kana  
mari, Tucano, Deni ,  
Maku e Katukina.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Egon, Araci, Lucia  
Rose e Bené.

INÍCIO DO PROJETO: 1979.

### HISTÓRICO:

Inicialmente foi feito um levantamento da região, resultando em contatos com diversos grupos indígenas.

Em final de agosto de 1979 a equipe se deslocou para a região, efetuando um levantamento mais pormenorizado das áreas de trabalho, e um possível local onde se fixar.

Desta permanência, e dos contatos estabelecidos com os diversos grupos tribais, foi elaborada uma proposta de trabalho para o ano de 1980, a qual foi apresentada à prelazia de Tefé, OPAN e CIVI-NORTE I, em início deste ano (1980).

A partir de março, a equipe se fixou junto aos Kanamari, da maloca do Nauá, no alto Jutai.

Este grupo se encontrava totalmente disperso, e não refeito de uma epidemia de Sarampo que dizimara 30% sua população.

Com a chegada da equipe, os Kanamari sentiram motivo para seu reagrupamento e uma nova esperança. Motivados pela presença da equipe no Nauá, subiram os Kanamari das malocas do Caraná, e do Davi, tendo sido esse encontro muito importante para o grupo, que se sentiu a partir daí revitalizado, retornando à normalidade sua vida.

#### ATUAÇÃO:

Durante a permanência deste ano, foi feito todo o trabalho de gravação, paralelamente um esboço de grafia e aprendizado da língua.

Apesar das dificuldades, o objetivo de viver a vida que o grupo vive, vai se concretizando. Paralelamente, vai se realizando um trabalho, ainda que lento, no sentido de esclarecer e informar o grupo sobre a sociedade Brasileira.

Um dos objetivos no setor educação, tem sido a de capacitar quatro elementos, para assumirem o setor, tornando assim o grupo independente neste ponto. Além disto, o ensino realizado por eles mesmos, a partir de noções que lhes damos, é de uma maior riqueza. Por outro lado tem-se valorizado e incentivado a prática e a retomada de aspectos da própria cultura do grupo, como as festas, rituais, artesanato e cerâmica.

#### SITUAÇÃO ECONÔMICA:

Os roçados existentes são insuficien

tes, e tem-se incentivado seu incremento, na medida do possível, para que o grupo se torne auto-suficiente. A dificuldade neste setor, está no fato da equipe ser constituída por mulheres. Um homem teria maiores condições de caminhar neste processo, uma vez que aos homens cabe a iniciativa do preparo da terra e plantio.

Por estar o grupo muito isolado em relação a outros grupos, tem-se procurado informá-los sobre outros povos indígenas, sua vida e sua luta pela terra. Por outro lado, no contato com os seringueiros da região, tem-se procurado também mostrar a importância da cultura indígena, seus valores e modo de vida.

#### TRABALHO DE EDUCAÇÃO JUNTO AOS FILHOS DE SERINGUEIROS:

O trabalho tem-se desenvolvido na forma de semanas intensivas de aula: uma semana por mês as crianças reúnem-se na casa de um dos seringueiros da região. Neste primeiro período de atividades, trabalhou-se três semanas neste setor, basicamente quanto à alfabetização.

A equipe tem sentido que esta forma de períodos intensivos - pelo menos com as crianças - não é a melhor maneira, pois não há quem os oriente durante os períodos em que passam sem aula.





## 2. Projeto ALTO SOLIMÕES

LOCALIZAÇÃO: Rio Javari, Prelazia do Alto Solimões, AM.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: Mayuruna - Yagua

VOLUNTÁRIOS: Silvio e Claire

INÍCIO DO PROJETO: 1980.

### HISTÓRICO:

Desde 1978, Silvio vem desenvolvendo um trabalho junto aos grupos Yagua e posteriormente Mayuruna. Em 79, Claire passou a colaborar no mesmo trabalho. Durante a assembleia OPAN/80, esse trabalho foi assumido pela organização.

PERSPECTIVAS DE TRABALHO: A equipe se dispõe a assumir por tempo indeterminado uma convivência profunda com o grupo Mayuruna, integrando-se aos costumes e hábitos tribais.

A partir de tal convivência, será possível um levantamento mais completo da realidade dos grupos da região, o que permitirá definir os rumos de um trabalho de base.

Como objetivos básicos a equipe visa:

- Tentar criar junto aos índios maior independência dos regatões que os exploram, através de uma ação comunitária de produção agrícola, e um sistema de compras e vendas coletivas de artigos de primeira necessidade.

- Tentativas de plantação na várzea,

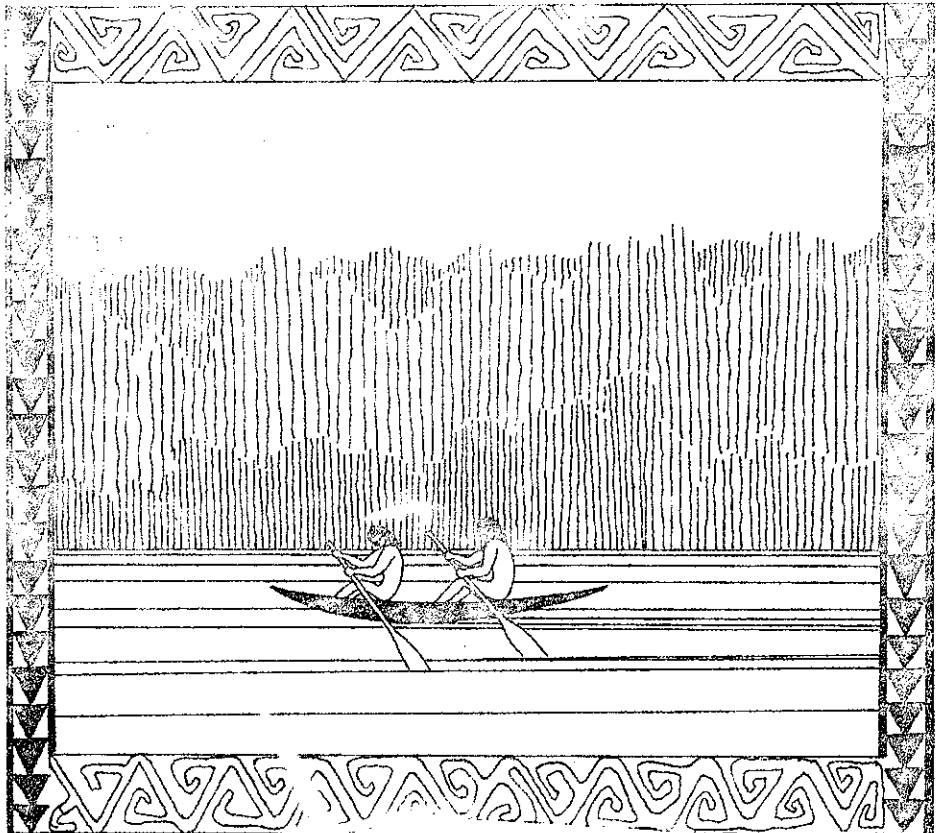
de culturas a curto ciclo, tendo em vista a pobreza da terra firme,

- Conscientização dos índios, quanto à sua realidade, e quanto à exploração e abusos da sociedade nacional.

- Assistência no setor de saúde, dentro das possibilidades da equipe.

- Alfabetização bilingue, a partir do idioma Mayuruna.

- Continuidade do trabalho junto aos Yaguas, de caráter esporádico.



## 3. PRELAZIA DE ITACOATIARA

LOCALIZAÇÃO: Prelazia de Itacoatiara, AM.  
POPULAÇÃO ABORÍGIDA: Wai-Wai, Ixkariana,  
Waimiri e Atreari.  
EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Doroti e Egydio (com  
um filho).  
INÍCIO DO PROJETO: 1979.

Na Prelazia de Itacoatiara, situam-se os grupos indígenas, Waimiri, Atreari, Wai-Wai e Ixkariana.

Atendendo o convite de D. Jorge, Bispo desta Prelazia, Doroti e Egydio iniciaram o trabalho em novembro de 1979, fixando-se na região a partir de junho de 1980.

A equipe participou do 1º Congresso de Cultura Popular de Itacoatiara, onde proferiu palestras sobre a realidade Amazonense. A partir daí, a aceitação tem sido muito boa, criando-se um clima de grande interesse pela causa indígena.

Importante também, foi a participação no Seminário da C.P.T., realizado na comunidade Ponta Grossa, Município de Urucurituba.

Essa forma de atuação da equipe, tem sido importante, como participação e entrosamento nos problemas do povo da região, visando uma maior conscientização quanto à problemática indígena.

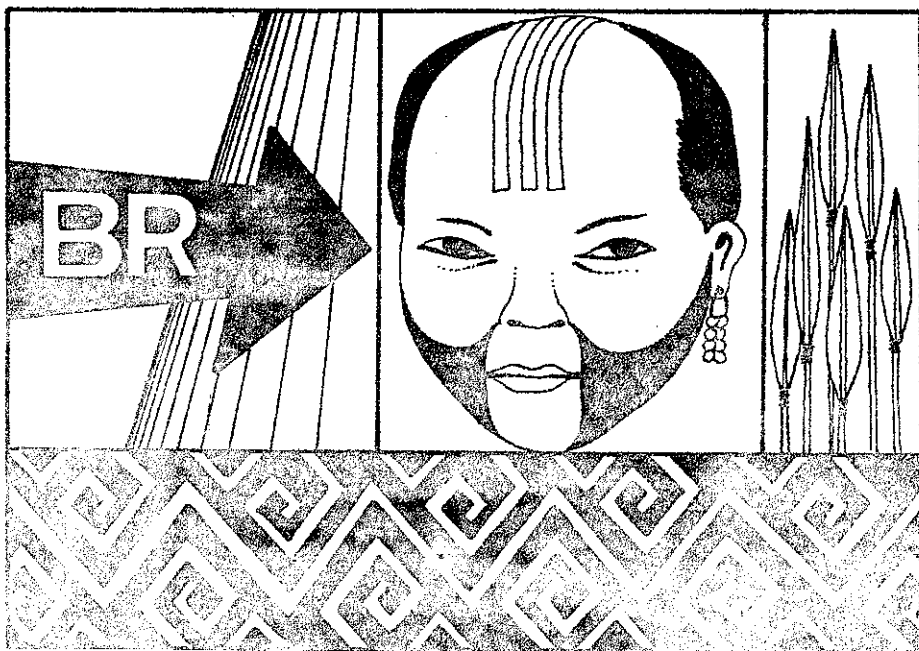
Neste sentido, também já se começou a publicação de notícias a respeito dos índios,

no "CIPÓ", o Boletim da Prelazia. Doroti se integrou na equipe de comunicação da Prelazia, mais precisamente, na equipe do Boletim "CIPÓ".

Para setembro/80 está previsto um Seminário com a cobertura da O.E.I. (Organização de Estudantes de Itacoatiara), um seminário sobre a realidade indígena amazonense, e particularmente sobre os Waimiri e Atroari.

Paralelamente a essas atividades, a equipe vai colhendo informações, estudando e planejando o primeiro passo no rumo dos Waimiri e Atroari.

Pretende-se inicialmente uma permanência em Itapiranga, na Boca do Rio Uatumã, para verificar as possibilidades de penetração para o interior.





#### 4. Projeto WAPIXANA

**LOCALIZAÇÃO:** Município de Boa Vista, RR  
Prelazia de Roraima.

**POPULAÇÃO:** 5 mil índios Wapixana, aproximadamente (metade em Território Brasileiro, e outra metade na República da Guiana).

**PONTO DE REFERENCIA DO PROJETO:** Maloca da Malacacheta.

**EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS:** Nelson e Sandra Sechi (com dois filhos).

**INÍCIO DO PROJETO:** Maio de 1980.

#### HISTÓRICO:

Desde há alguns anos a prelazia de Roraima se dispôs a receber voluntários leigos para trabalhar na Pastoral Indígena; a partir de 1978 o Pe. Egydio Schwade iniciou os contatos da OPAN com a Prelazia. Em janeiro de 1980, os voluntários Nelson e Sandra visitaram o local, e ficou definida uma atuação entre os índios Wapixana, da região da Serra da Lua, no município de Boa Vista (RR) - Maloca da Malacacheta.

#### DESAFIOS:

Quase todas as áreas indígenas no Território de Roraima não estão demarcadas, e há

constante pressão dos fazendeiros que a circun-  
dam.

Ultimamente há promessas de demarca-  
ção por parte da FUNAI, das áreas indígenas pró-  
ximas a Boa Vista. As roças são distantes 3 a 6  
Km, da maloca, e as pequenas sobras, são comer-  
cializadas na feira, em Boa Vista. Ali, na maio-  
ria das vezes, os Wapixana gastam todo o dinhei-  
ro que conseguem, voltando para a aldeia comple-  
tamente bêbados.

No setor da saúde, constatou-se gran-  
de incidência de malária.

Há um índio atendente da enfermaria'  
da Funai, entretanto há muitos casos de morte '  
por falta de atendimento e, parece, muita falta'  
de medicamentos. São também casos comuns: Vermi-  
nose, Hepatite e outras moléstias.

Há uma escola de 1º grau no local, e  
a frequência às aulas é regular, há também cur-  
sos promovidos pela IBA e ASTER.

#### PERSPECTIVAS DE TRABALHO:

Por enquanto a equipe faz o levanta-  
mento da realidade local, e estuda a língua do '  
grupo.

Tem em vista fazer um trabalho de '  
animação integral da comunidade; Apoiar os cate-  
quistas locais em seu trabalho de evangelização;  
Apoiar trabalhos nas roças, incentivando o Ajuri  
(Mutirão); Continuar a instalação do barracão '  
para estocagem e comercialização dos produtos '  
das roças; Incentivar o trabalho artesanal e ce-  
râmica; Apoiar a luta pela demarcação das terras;  
trocar idéias sobre saúde, higiene, profilaxia ,  
etc.



### III - REGIONAL MATO GROSSO DO NORTE

#### 1. Projeto SALUMÃ

LOCALIZAÇÃO: Prelazia de Diamantino - MT  
Prelazia de Ji-Paraná - RO  
Entre os rios Juruena e Ca-  
nararé.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: Índios Salumã, 125  
pessoas.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Terezinha, Vicen-  
te e Meliá.

INÍCIO DO PROJETO: 1977.

O grupo Salumã foi contatado em ju-  
lho de 1974, por elementos da Missão Anchieta.

A OPAN começou a desenvolver seu pro-  
jeto junto a esse grupo, e também ao grupo Myky,  
no início de 1977, a pedido do irmão Vicente Ca-  
ñas e Pe. Thomaz Lisboa. Nessa época, as voluntá-  
rias Vanda Barbosa e Terezinha Weber, passaram a  
atender principalmente na área de saúde preventi-  
va.

Inicialmente fixaram-se junto aos My-  
ky, fazendo visitas periódicas aos Salumã, de 10  
a 15 dias.

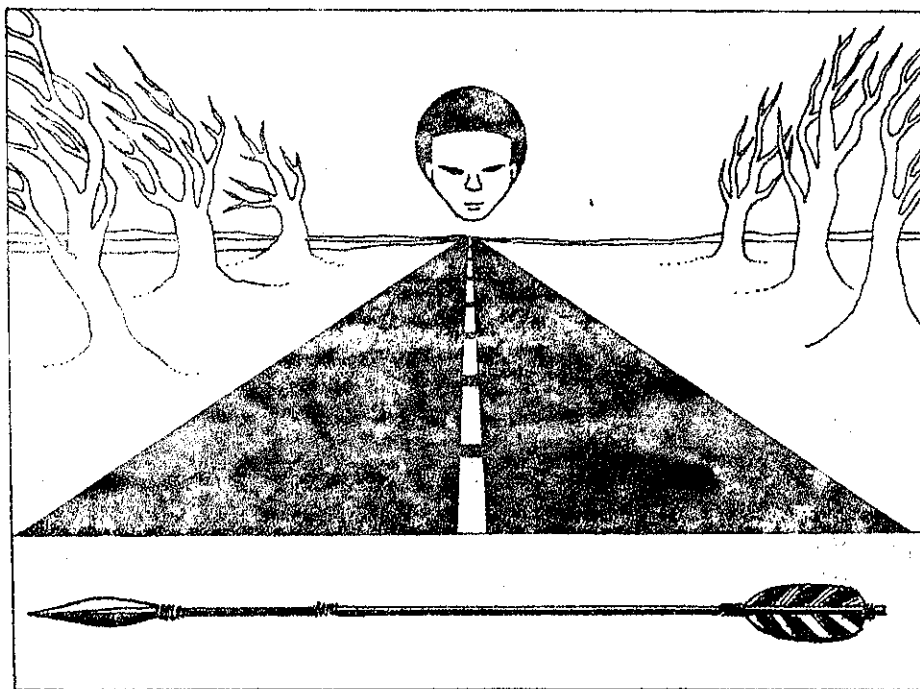
Para melhor entrosamento, Terezinha  
fixou-se junto aos Salumã, a partir de 1978.

Dessa convivência, tornou-se possí -

vel o aprendizado da língua, a participação junto com as mulheres na vida diária.

Seu trabalho inicial, no setor saúde teve assim maior continuidade, na forma de medicina curativa e preventiva. Por outro lado, procura-se não interferir nos métodos de cura do grupo.

Os casos mais comuns são verminose, feridas, anemia e gripes, e a preocupação no atendimento é mais preventiva do que curativa. Esporadicamente, Terezinha faz atendimento preventivo junto ao grupo Myky. Seria importante mais uma pessoa na equipe, de preferência homem, para participar das atividades masculinas, além de iniciar o setor educação e alfabetização na língua.



## 2. Projeto KARAJÁ

LOCALIZAÇÃO: Rio Araguaia - MT.  
Prelazia de São Félix do Araguaia.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: Índios Karajá da  
Ilha do Bananal.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Silvia e Sergio.

INÍCIO DO PROJETO: 1979.

### HISTÓRICO:

O Bispo da prelazia de São Félix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga, há tempos vinha pedindo pessoal da OPAN para trabalhar junto aos índios Karajá. O projeto foi iniciado por Silvia, em outubro de 1979.

### GRUPO INDÍGENA:

A população das aldeias Karajá é muito instável, pois durante a seca muitas famílias se mudam para as praias, ficando pequeno o número nas aldeias. Constantes desentendimentos também obrigam a mudança de famílias inteiras, de uma aldeia para outra; além de visitas de parentes que duram meses.

Atualmente a população na aldeia da Barra do Tapirapé, onde Silvia atua, é de 94 pessoas, sendo que entre eles há 3 Tapirapé e 1 Javáé, casados com Karajá.

### DESAFIOS:

A terra Karajá é o Parque do Araguaia, onde estão localizadas quatro aldeias (uma Javaé), com a maior parte da população. Duas aldeias estão fora do parque: a de Luciara e a da Barra do Tapirapé. Há desavenças com os índios Tapirapé, envolvendo a área destes. Por outro lado, os Karajá nada fazem pela defesa e demarcação de sua própria área, incentivando inclusive a permanência dos posseiros que moram ali (11 famílias).

A região é de muita malária e há vários casos de tuberculose, não havendo tratamento completo e sistemático.

Quanto à cultura, apesar do contato com os brancos, já de há muito tempo, o Karajá conserva a língua, sendo poucos aqueles que falam o português.

Este ano, celebraram o ritual do Aruaná na aldeia da Barra, o que não acontecia há 5 anos.

### PERSPECTIVAS:

Na área da saúde, é importante continuar o atendimento, por ser necessário para o grupo, e para poder ter a permissão da FUNAI, para atuar na área.

A parte de acompanhamento das roças e mariscos, terá a presença do voluntário Sérgio que atuará neste setor.



### 3. Projeto CINTA LARGA

LOCALIZAÇÃO: Aldeia do Ouro Preto, próximo  
ao rio Roosevelt, RR.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: Índios Cinta Larga  
(MATPÉTAMAÊ).

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Ivar, Anne (OED) e  
João.

INÍCIO DO PROJETO: Junho de 1979

#### HISTÓRICO:

O projeto Cinta Larga foi iniciado quando se fez um contato com a aldeia Igarapé Ouro Preto, na área interdita em junho de 79. É a partir daí que se tentará contato com os grupos arredios.

Alguns grupos Cinta Larga, estão em área demarcada pela FUNAI (Parque Aripuanã), outros estão fora do parque, em terras delimitadas e interditas. É possível que existam outros grupos em áreas que não estas, porém este dado carece de confirmação.

#### ATUAÇÃO:

A equipe tem como objetivos apoiar os índios na retirada dos invasores de suas terras. Conviver com o índio, participando do seu dia-a-dia, procurando se integrar na sua maneira de ser e pensar. Evitando ao máximo, a introdução de objetos e coisas estranhas a eles, além de ferramentas, anzóis, sementes e remédios (míni-

mo).

Atender o setor de saúde; até agora o atendimento tem sido apenas curativo.

Conhecer o campo de perambulação dos índios, durante as diversas épocas do ano, para propor a delimitação da área.

Alertar o grupo para as consequências do contato com a população envolvente.

A equipe tem tido boa aceitação por parte dos índios, que os entendem como amigos diferentes da população envolvente.

A equipe se propõe também aprender a língua, o que certamente trará entendimento mais profundo com o grupo.



#### IV.- REGIONAL MATO GROSSO DO SUL

Projeto MIRANDA

LOCALIZAÇÃO: Diocese de Corumbá, Miranda-MS

POPULAÇÃO ABRANGIDA: 10.000 Terena. 49 aldeias,  
449 índios.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Calú e Ivo (com 4 -  
filhos).

INÍCIO DO PROJETO: 1979.

#### HISTÓRICO:

Este projeto foi iniciado quando Calú e Ivo se fixaram em Miranda, para atuar na Pastoral Indígena da Diocese de Corumbá. A equipe tem contado desde então, com a participação da irmã Izalina, descendente Terena.

Até agora, tem-se mantido contatos regulares com as aldeias mais próximas. As mais distantes já foram visitadas uma ou duas vezes. Vai-se criando aos poucos um clima de confiança, o que permite uma visão cada vez maior da realidade e dos problemas existentes.

Irmã Izalina, atende ao setor saúde, encaminhando ao hospital local, e dando uma orientação geral.

### DESAFIOS:

As pequenas áreas já demarcadas são insuficientes, fazendo-se necessária a garantia e recuperação das terras.

Os projetos da FUNAI, de monoculturas, favorecem uma maior dependência econômica em relação à sociedade envolvente.

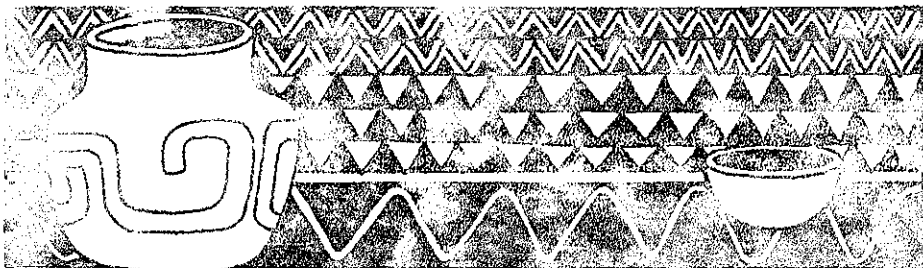
No setor saúde, a falta de recursos é absoluta. Os convênios com o Funrural não funcionam, e há casos não atendidos pelo hospital local.

### PERSPECTIVAS:

Para uma atuação mais profunda, é urgente o aprendizado da língua Terena, é importante também fazer-se um levantamento dos índios de aldeados da região.

A equipe colabora com as roças comunitárias sob a forma de pequenas ajudas financeiras; isto permite um maior entrosamento, e oportunidade para uma conscientização maior sobre a questão das terras, do trabalho, e dos projetos da FUNAI.

Vários Líderes sentem necessidade de assembleias e reuniões com outras aldeias e outros grupos.





## 2. Projeto DOURADOS

**LOCALIZAÇÃO:** Diocese de Dourados, em Dourados, MS.

**POPULAÇÃO ABRANGIDA:** 10 mil Guarani (Kaio-wá), 600 Terena (Ñandeava).

**EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS:** Antonio, Lúcia e Paulo.

**INÍCIO DO PROJETO:** 1977.

### HISTÓRICO:

Nos anos de 74 e 75, Egydio, Valber' e Ivar fizeram um levantamento da região de Dourados, e em 77 chegaram os primeiros voluntários para o projeto Dourados.

Atualmente a equipe é constituída por Antonio, Lúcia e Paulo.

### ATUAÇÃO:

A problemática da terra, tem sido a preocupação básica e constante, e certamente houve um aumento de consciência do problema por parte das comunidades indígenas.

A equipe ajuda e assessora atualmente 6 grupos de lavouras comunitárias, que são motivo e ocasião para muitas reuniões e discussões servindo também como ponto de partida para atuação em outros campos, como saúde, educação, questões da terra, etc...

No setor da saúde, fez-se um levanta

mento minucioso, num posto da Funai, das ocorrências durante 3 anos, a partir do qual foi possível constatar as doenças de maior incidência, e as formas de tratamento. Tem-se procurado incentivar e valorizar a medicina indígena. Entretanto a derrubada geral das matas, está acabando aos poucos com as ervas medicinais. Está se iniciando um trabalho junto às tribos, com o objetivo de criar espaço para a existência no campo da saúde, e melhoria de alimentação. Além disso, em andamento, um plano de formação de agentes indígenas para o setor saúde, que devido à várias dificuldades foi colocado de lado, ficando porém aberta esta questão.

#### REUNIÕES DE LIDERANÇAS:

Convém destacar a fundação da U.N.I. (União das Nações Indígenas), por lideranças indígenas da região, e a reunião de Guarani-Kayowá em abril último, com representantes do Sul, Litoral Paulista e Espírito Santo. Houve também participação nas assembléias da Ilha de São Pedro em Sergipe, e em Brasília por ocasião da visita do Papa. A crescente participação de lideranças Guarani-Kaiowá em reuniões com lideranças indígenas de outros grupos, vem contribuindo sensivelmente para uma maior consciência quanto à força de sua união.

#### AVALIAÇÃO:

Faz-se necessária, a vinda de novos voluntários, para o setor agrícola, pois além da realidade ser bastante complexa, o grupo Guarani é muito numeroso.

## VI - REGIONAL LESTE

### 1. Projeto CIMI-LESTE

LOCALIZAÇÃO: Vitória, ES.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: 611 Tupiniquim, 45 Guarani, 500 Maxaka - li, 3.000 Xacriabá, 45 Krenaque, 1.800 Pataxó, e os Hã-Hã-Hai.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Fábio, Nira, Liana e Willer.

INÍCIO DO PROJETO: 1978.

### HISTÓRICO:

O projeto iniciou com a criação do Regional Leste-Nordeste do CIMI, a partir de um levantamento realizado em 1978, quando constatou-se a necessidade de um trabalho junto aos índios da região.

Os grupos da região estão em contato com os brancos há séculos, muitos já não falam a própria língua, mas há uma certa preocupação em retomar não só a língua como a própria cultura.

### ATUAÇÃO:

O trabalho da CIMI na área visa a contribuir com os índios na demarcação de suas terras e com o trabalho de coordenação regional. É feito o acompanhamento de perto, da caminhada dos Tupiniquim e Guarani. Ao mesmo tempo se mantém contatos com os demais grupos da região.

Nestes quase dois anos, de trabalho

na Região Leste, foram realizadas: Assembléia Indígena na Ilha de São Pedro, terra dos índios Xokó; e a celebração dos 480 anos de colonização do Brasil, enfocando o massacre e o extermínio dos povos indígenas.

O trabalho de pastoral indígena, tem tido boa acolhida por parte das paróquias e dioceses, que antes desconheciam a existência de índios na região.

Na luta dos Guarani e Tupiniquim pela reconquista de suas terras, o apoio da comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Vitória tem sido importantíssimo; por outro lado, é grande a consciência dos índios da região quanto à opressão e marginalização à qual estão submetidos. Os Guarani, Tupiniquim, Pataxó e Krenak, tem desenvolvido lutas no sentido de recuperarem e demarcarem suas terras.

Até o início deste ano fez-se o acompanhamento dos Guarani e Tupiniquim. A partir de janeiro, Geralda (do GREQUI - Grupo de Estudos da Questão Indígena - Belo Horizonte) e Liana iniciaram um trabalho junto aos Maxakali (MG), no que foram totalmente assumidas pela diocese de Teófilo Otoni.

Willer, estagiário da OPAN, tem participado no trabalho com os índios do Espírito Santo, e dado continuidade ao trabalho junto aos Krenak, o que já fazia quando pertencia ao grupo GREQUI.

Há necessidade de uma equipe atender os Pataxó e Hã-Hã-Haí no sul da Bahia, e outra atuando junto aos Xakriabá, MG.

## VI - PROJETOS DE PASTORAL DA TERRA

**LOCALIZAÇÃO:** Presidente Castelo, MS  
Diocese de Dourados.

**POPULAÇÃO ABRANGIDA:** Lavradores

**EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS:** Senésio, Oracélia,  
Cida, Angelo (TVC)

**INÍCIO DO PROJETO:** Agosto de 1979

### HISTÓRICO:

A OPAN ao longo de sua caminhada, voltou-se sempre mais para a Pastoral Indígena, porém há um extenso campo de trabalho junto aos lavradores, posseiros, bóias-frias, seringueiros garimpeiros etc...

São muitos os que desejam se integrar à OPAN, com uma opção definida pela Pastoral da Terra. Por estas razões, na última assembléia anual (1980) reafirmou-se a decisão tomada na assembléia anterior, de encaminhar para um futuro próximo, a criação de um novo organismo de voluntários leigos, completamente autônomo e independente da OPAN, voltado para trabalhos com populações rurais. Enquanto isso, a OPAN continuará a dar o respaldo necessário aos voluntários que trabalham neste setor.

### ATUAÇÃO:

A partir de agosto de 1979 os voluntários Senésio e Oracélia se fixaram na Diocese de Dourados, no município de Deodápolis - MS. Ali iniciaram um trabalho de base, ligados à C.P.T. (Comissão Pastoral da Terra), junto aos lavradores da região.

Os primeiros meses foram dedicados à convivência, adaptação e observação da realidade que os lavradores vivem. Posteriormente foi feita a tentativa de se formarem grupos de reflexão Bíblica. O projeto se propõe ainda a fixação do homem à terra e incentivar o cultivo de produtos agrícolas necessários ao consumo interno. Procura-se desde já, incentivar os lavradores para a criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município, e para uma forma de associação que os liberte futuramente da dependência dos intermediários.

Em fevereiro de 1980 a equipe foi reforçada com a chegada da Cida, e em julho deste ano o Angelo (TVC) também juntou-se ao grupo.

### AVALIAÇÃO:

Passado um ano desde a assembléia da OPAN em que se decidiu iniciar a formação do novo grupo do setor rural, há duas ou três pessoas que iniciarão um novo projeto. Isto significa que algum resultado positivo está sendo alcançado, mas o tempo para o grupo tornar-se autônomo e independente poderá ser mais longo do que se imagina.

Portanto, está sendo elaborado um projeto de ajuda mais amplo, visando a formação de novos grupos.

## VII - PROJETO COORDENAÇÃO DA OPAN

**LOCALIZAÇÃO:** Porto Alegre - RS até 19 de novembro de 1979.

Ciabá-MT. a partir desta data.

**EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS:** Cristóforo Testa ' Coordenador Finan - ceiro.

João Dal Poz Neto ' Coordenador Técnico  
Darci Secchi-Coorde nador Geral.

Atendendo a sugestão da Assembléia ' Geral de julho de 1979, a Coordenação da OPAN te ve três atividades principais durante este perío do:

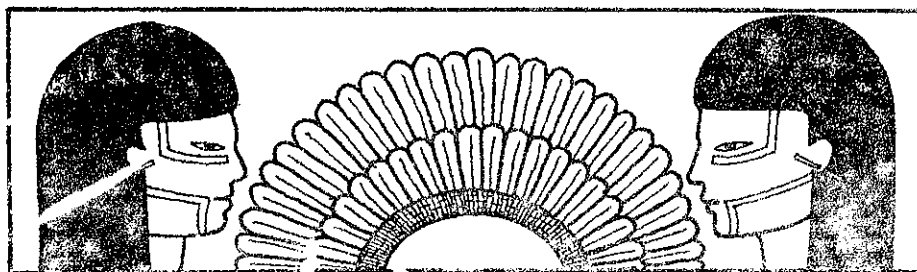
- (1) Seleção e preparação de estagiários para os projetos.
- (2) Atendimento dos trabalhos de sede, secreta - ria, contabilidade e relacionamento com outras ' entidades, bem como com os projetos.
- (3) Transferência da sede nacional para Cuiabá MT. Este último ponto mereceu maior atenção por' parte da coordenação, pois, exigiu muito tempo ' disponível para atender aos assuntos relaciona - dos com a transferência e instalação da nova se de.

Assim, em setembro/79 foi adquirida'

Assim, em setembro/79 foi adquirido um imóvel em Cuiabá, e então providenciada a documentação necessária para a transferência se tornar viável. Foi vendido o imóvel onde residia a coordenação em Porto Alegre, cancelado o registro da organização, e posteriormente transferida a sede para Cuiabá, no imóvel anteriormente adquirido. Para a instalação da sede em Cuiabá, foram necessários vários reparos nas instalações existentes no imóvel, uma vez que se encontravam em péssimo estado de conservação. Foi construída uma casa, que serve como residência da coordenação nacional e dos estagiários que se preparam para atuarem nos Projetos.

Feitas estas reformas, a sede começou a funcionar normalmente em Cuiabá, na Avenida Ipiranga nº 97, contando com os três setores básicos: Secretaria, Contabilidade e Coordenação.

Na parte de preparação dos voluntários, verificou-se um aumento considerável de pessoas que procuram a organização a fim de fazerem um trabalho em favor das comunidades indígenas. Esta tendência continua bastante acentuada, o que vem comprovar que a Organização está respondendo às exigências do trabalho, com uma atuação condizente com a realidade atual.







## ONZE ANOS DE PROJETOS (GRÁFICO)

Queremos destacar aqui, três constatações que a leitura do gráfico ao lado sugere.

Dos 35 Projetos indicados (menos a Co ordenação), cerca de 20 estão ou estiveram inteiramente voltados para as populações indígenas. Mais notável, entretanto, é a clara tendência, ao longo dos anos, de aumentar significativamente a proporção dos Projetos dedicados aos Índios. A relação entre Projetos indígenas/não-indígenas, é de 3/3 em 1970, 6/3 em 1972, 7/4 em 1974, 5/1 em 1976, 11/1 em 1978, e 15/1 em 1980!

Outro aspecto a ser ressaltado, refere-se à duração dos Projetos. Até hoje, foram fechados 19 Projetos. Destes, 10 foram mantidos de 1 a 3 anos, e os outros 9, de 5 a 9 anos. Mas é de notar que daqueles 10 Projetos que tiveram duração mais reduzida, 9 foram encerrados até 1975; daí em diante, apenas um Projeto foi fechado com menos de 5 anos de duração. Pode-se constatar, portanto, uma nítida tendência à maior constância nos Projetos, nos últimos anos.

Um último elemento que vale a pena sublinhar, é a distribuição geográfica dos Projetos. Entre 1970 e 1973, a OPAN manteve Projetos apenas nos Estados do MT e RO. De 1974 em diante, registrou-se uma expansão dos Projetos por outras unidades da Federação: AM, SC, DF, AC, ES, MS, RR. A partir de 1976, houve um notável deslocamento de atividades na direção do Acre e Amazonas, Estados em que se localizam, atualmente, metade (8) dos Projetos da OPAN.

## ASSEMBLÉIA ANUAL

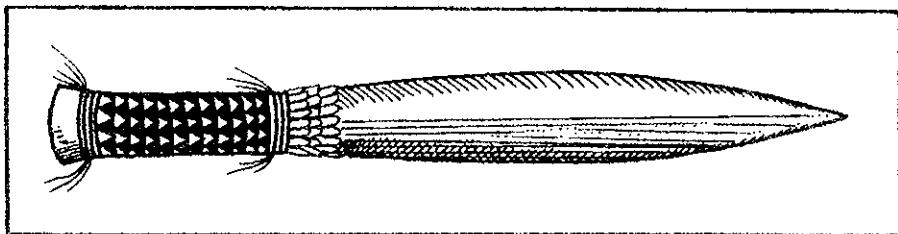
Conforme decisão tomada na Assemblé-ia anual de 1979, a Assembléia deste ano de 1980 foi representativa, e contou com a presença de pelo menos um voluntário de cada Projeto. Ao to- do, participaram 31 pessoas. Realizou-se em Cuia- bá, entre os dias 16 e 21 de julho.

Quanto aos Projetos, as decisões ma- is importantes foram: confirmar o trabalho ini- ciado junto aos índios Wapixana (Roraima); Assu- mir mais profundamente o compromisso com os Índi- os Novos do Coxodoá (Amazonas); e iniciar um Pro- jeto junto às populações indígenas do Alto Soli- mões (Amazonas).

Foi reafirmada a decisão de apoiar ' as pessoas engajadas no setor Rural, até que con- sigam inteira autonomia.

Deu-se especial atenção à avaliação' daquilo que tem sido feito quanto à formação dos voluntários, donde resultou uma nova proposta de Estágio, bem mais exigente do que as anteriores, sobretudo na parte teórica.

Elegeu-se uma nova Coordenação para o próximo biênio, e marcou-se as datas das próxi- mas Assembléias para jan/fev de 1981 (Representa- tiva), e jan/fev de 1982 (Geral).



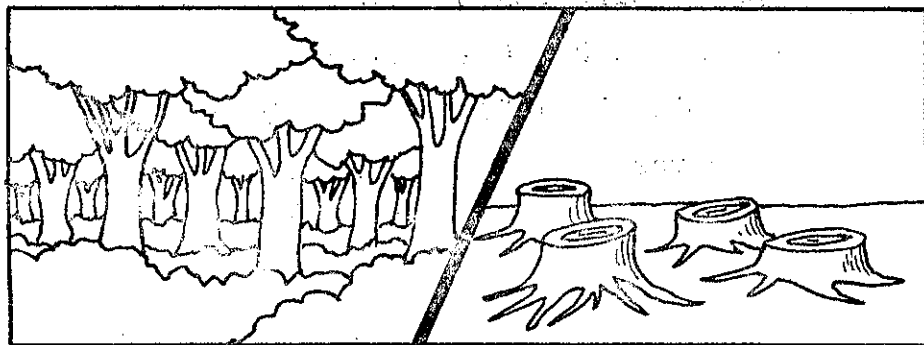
OPAN / OED / TVC

Conforme a prática que vem desde os primeiros anos de atuação da OPAN, reafirmada na última Assembléia, continuamos assumindo trabalhos conjuntamente com voluntários austríacos da OED e italianos da TVC.

Anni (OED) continua fazendo parte do Projeto Cinta Larga.

No início deste ano de 1980, chegaram mais dois voluntários italianos TVC: Angelo Tresoldi, que foi para o Projeto Pastoral da Terra, e Sergio Gobbi, que passou a integrar o Projeto Karajá. Cristóforo Testa (TVC) continua atuando como Responsável Regional da OPAN para o Rio Grande do Sul. Marta Callovi e Teresa La Medica, dos TVC, e Ingrid e Carlos Queteschiner, da OED, retornaram aos seus países de origem, depois de prestarem importante serviço às populações indígenas, trabalhando conosco nos Projetos de Lábrea, Alto Purus e Dourados.

Estão sendo aguardados, ainda no decorrer deste ano, mais dois voluntários da OED que virão trabalhar conosco.



## ENTIDADES DE AJUDA

Durante o período compreendido entre julho de 1979 e julho de 1980 a OPAN contou com a ajuda de muitas Pessoas e Entidades.

Somos sinceros em reconhecer que sem a ajuda destas Entidades, sobretudo, não poderíamos desenvolver os trabalhos em andamento, e nem mesmo seria possível que a organização funcionasse de forma satisfatória.

Gostaríamos de agradecer a todas as pessoas que colaboraram particularmente com contribuições pessoais, e financeiras.

Nosso agradecimento especial às seguintes Entidades que financiaram, ou co-financiaram projetos junto a comunidades indígenas, e de infraestrutura da nossa Organização:

ADVENIAT (Alemanha)

MISERIOR (Alemanha)

CEBEMO (Holanda)

AKTION BRUDER IN NOT (Salzburg - Áustria)

OED (Áustria)

PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS (Brasil)

KIRCHE IN NOT (Alemanha)

KATHOLISCHE JUNGSCHAR (Áustria)

Queremos também citar a contribuição própria das Prelazias e Dioceses onde atuamos.

## CONCLUSÃO

O presente relatório teve a finalidade de apresentar os aspectos fundamentais da nossa caminhada junto às comunidades indígenas com as quais atuamos.

Com esta preocupação, podemos perceber que as nossas atividades vem respondendo as finalidades que nos propomos, e que efetivamente temos contribuído positivamente em favor dos povos indígenas do Brasil e de sua causa.

No momento em que apresentamos o relatório de nossas atividades durante o segundo semestre de 1979 e o primeiro semestre de 1980, temos a satisfação de avaliá-lo como altamente positivo, pois espelha um período de grandes avanços e conquistas na luta dos índios por seus direitos historicamente esquecidos.

De nossa parte, temos que agradecer a muitas pessoas e Entidades que colaboraram conosco nesta caminhada. Percebemos com satisfação o grande número de Entidades que se colocam em todos os níveis de atuação, ao lado do Índio bra

sileiro. Hoje podemos citar mais de 20 Entidades Alternativas atuantes em todo País, às quais agradecemos pelo envio de material relacionado com a problemática indígena, pelo enriquecimento nos debates, e pelo apoio que vem dando ao nosso trabalho.

Além destas Entidades, não podemos deixar de lembrar o grande número de pessoas que continuam colaborando conosco. Dentre elas gostaríamos de citar em especial ao Pe. Egydio Schwade, Pe. Paulo Suess, Pe. Egon Dionísio Heck, Pe. Thomaz Lisboa, Pe. Günter Kroemer, Irmãos Vicente, Salvador e Arlindo pelo acompanhamento e assessoria que proporcionaram.

Aos Drs. Jayme Sardi e Francisco Falcão, pela grande colaboração no atendimento odontológico dos voluntários.

Enfim, esperamos contar sempre com o apoio e colaboração de todos os que se mostram sensíveis à luta dos povos indígenas do Brasil, e estamos atentos a sugestões e questionamentos que levem a uma atuação ainda mais eficiente e engajada.

## ANGELO KRETÃ

Líder dos Kaingang, morto no dia 22 de janeiro de 1980, vítima de um "acidente provocado" com o carro no qual viajava. Vereador eleito pelo município de Chopinzinho no Paraná, representa um novo tipo de liderança indígena, empenhado na luta pela posse de suas terras e de seus direitos.

Kretã morreu por tentar reconquistar com seu povo, as terras tomadas aos Kaingang e Guarani nas últimas três décadas, pelo governador Moisés Lupion e hoje nas mãos do grupo F. SLAVIERO & FILHOS INDUSTRIA E COMPANHIA DE MADEIRAS.

A luta de Kretã, é a luta de todos os povos indígenas pela reconquista de suas terras e sua autodeterminação.

Nessa luta que se amplia, a OPAN se coloca ao lado desses povos nas áreas mais carentes, colaborando para que suas reivindicações se tornem realidade.